



## A COMERCIALIZAÇÃO DO AÇAÍ E DO MAPATI NA TRÍPLICE FRONTEIRA (BRASIL, COLÔMBIA E PERU)

Máximo Alfonso Rodrigues Billacres<sup>1</sup>

Jonas Dias de Souza<sup>2</sup>

Marta Patrícia Ramires Lujan<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo propõe uma compreensão da relação sociedade – natureza por meio da discussão sobre o processo conceitual e a materialidade da *Biodiversidade*, considerando os aspectos econômicos, ecológicos, éticos e patrimoniais relacionados a este conceito. A pesquisa que baseia o artigo se debruça sobre a comercialização dos frutos Açaí e Mapati, na cidade de Tabatinga (Amazonas) - um contexto em que se depara com a organização e a produção capitalista do espaço geográfico no circuito tetralógico (ordem/desordem/interações/organizações). Tomando as frutas Açaí e Mapati como significativas da biodiversidade encontrada na região, levou-se em conta a agência do camponês. Tendo em vista que o saber agregado ao cultivo e extração de espécies endêmicas é um fator constituinte do fenômeno que aqui pretendemos estudar. Os resultados apresentados são, no entanto, apenas parciais, dado que os projetos que originam a pesquisa encontram-se ainda em andamento. Contudo, observa-se desde já o protagonismo dos indígenas Tikuna no que tange ao abastecimento e comercialização das frutas Açaí e Mapati no município.

**Palavras-chave:** Açaí, Mapati, Tabatinga, Indígenas.

### RESUMEN

El artículo propone una comprensión de la relación sociedad-naturaleza a través de la discusión del proceso conceptual y la materialidad de la Biodiversidad, considerando los aspectos económicos, ecológicos, éticos y patrimoniales relacionados con este concepto. La investigación en la que se basa el artículo se centra en la comercialización de frutos de Açaí y Mapati, en la ciudad de Tabatinga (Amazonas), contexto en el que se enfrenta a la organización y producción capitalista del espacio geográfico en el circuito tetralógico (orden / trastorno / interacciones / organizaciones). Tomando los frutos de Açaí y Mapati como importantes para la biodiversidad que se encuentra en la región, se tomó en cuenta la agencia campesina. Considerando que el conocimiento agregado al cultivo y extracción de especies endémicas es un factor constitutivo del fenómeno que pretendemos estudiar aquí. Los resultados presentados son, sin embargo, solo parciales, dado que los proyectos que dan origen a la investigación aún están en curso. Sin embargo, ya es posible observar el protagonismo del pueblo indígena Tikuna en cuanto al suministro y venta de frutos de Açaí y Mapati en el municipio.

**Palabras clave:** Açaí, Mapati, Tabatinga, Indígenas

<sup>1</sup>Professor do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, [billacres@gmail.com](mailto:billacres@gmail.com)/ [mbillacres@uea.edu.br](mailto:mbillacres@uea.edu.br)

<sup>2</sup> Professor do curso de Geografia da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Tabatinga, [jdsgeo10@yahoo.com](mailto:jdsgeo10@yahoo.com)

<sup>3</sup> Mestranda do Curso de Sociedade e Cultura na Amazonia, da Universidade Federal do Amazonas, [martalujan128@gmail.com](mailto:martalujan128@gmail.com)



## **INTRODUÇÃO: Contextualização do tema, problemática, caracterização da área**

A contextualização teórico-metodológica do que as ciências (principalmente, humanas e sociais) denominam de relações sociedade-natureza necessitam de concretizações didáticas para sua compreensão. A ideia, que aqui se propõe, é entender essa relação pelo processo conceitual e a materialidade da *Biodiversidade*.

O conceito de Biodiversidade foi desenvolvido em um contexto de crise. Sob os impactos das atividades humanas causadas pelo crescimento da população e a acelerada degradação do meio ambiente (LEVEQUE, 1999). Os debates em torno do tema desencadearam outros, como a potencialidade dos recursos biológicos inexplorados ou desconhecidos, que inflamam as desigualdades e os conflitos sociais e apresentam contradições concretas (valoração-valorização/miséria-pobreza, racionalidade econômica/racionalidade ambiental, entre outras) e abstratas (debates teóricos).

Estas contradições caracterizam a racionalidade capitalista de produção e organização do espaço geográfico. Sobre estes pontos contraditórios, que se enfatizam os motivos de interesse da biodiversidade – sejam eles econômicos, ecológicos, éticos e/ou patrimoniais (LEVEQUE, 1999). Sob esta perspectiva, considera-se que os diversos conhecimentos sobre seus recursos se constituem como elementos de transformação social (econômica, política, cultural) necessários para alcançar o ideário desenvolvimentista.

Não obstante, a dinâmica de configuração do espaço geográfico precisa ser assimilada, dialeticamente, sob as óticas, a seguir:

- 1) Os processos contraditórios são tendências de igualização e de diferenciação determinantes, no processo de produção do espaço. Isto é, são as contradições do fluxo do vaivém do capital, que se inscrevem na paisagem e ocasionam o desenvolvimento desigual (nas diferentes escalas), acontecendo espacial e temporalmente (SMITH, 1988);
- 2) O Desenvolvimento assume, necessariamente, um conteúdo territorial, multidimensional ou pluridimensional, como aponta Saquet (2017): em favor do direito à cidade, do direito ao campo e do lugar de boa convivência,



contrário à valorização do capital e a reprodução do Estado burguês, identificando a efetivando o direito dos povos indígenas.

Em um contexto marcado por questões ambientais sob as quais se encontra em risco a biodiversidade e a agrobiodiversidade, o desenvolvimento deveria ser pretendido como um processo natural, visto sob uma perspectiva ecológica e baseado em condições locais de ocupação e exploração de ecossistemas (SOGLIO, 2009), de forma a consolidar um pensamento econômico-ecológico-espacial (OLIVEIRA *et al*, 2019).

O estudo das potencialidades bioeconômicas de espécies vegetais para o mercado de frutas permitiria, portanto, o fortalecimento das experiências de manejo dos recursos naturais praticada pelos povos e comunidades tradicionais amazônicas na faixa de fronteira. Na medida em que estudos desta natureza poderiam subsidiar construção de políticas voltadas para a diversificação da economia regional compreendendo as particularidades socioambientais da Microrregião do Alto Solimões no estado do Amazonas.

Diante disto, e tendo por horizonte analítico os Objetivos e Metas de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 e as diretrizes e objetivos da Política Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, o objetivo desse trabalho é compreender a comercialização dos frutos Açaí( *Euterpe oleracea*) e Mapati (*Pourouma cecropiifolia*), também conhecida como Uva da Amazônia, na cidade de Tabatinga (Amazonas).

- *Caracterização da área de estudo*

O município de Tabatinga está localizado no meridiano 69.93° W e paralelo 4.25° S e sua área soma 3.239,3 km<sup>2</sup> (Figura 1). Situa-se na divisa do Brasil com a Colômbia e o Peru. A sede do município está à margem esquerda do rio Solimões, oeste do Estado do Amazonas e distante de Manaus cerca de 1.607 km por via fluvial e 1.107 km por via aérea (SEPLAN, 2006 *apud* ALMEIDA, 2011).

Ao lado dos municípios de: Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa formam a Microrregião do Alto Solimões, que, juntamente com a Microrregião do Juruá, constituem a Mesorregião Sudoeste Amazonense (ALMEIDA, 2011)

**Figura1:** Localização de Tabatinga na Microrregião do Alto Solimões



Org: autores

Estes municípios apresentam os mais baixos índices de desenvolvimento social não só do Amazonas, mas do Brasil (Tabela 1). A agricultura familiar praticada no Amazonas e, por conseguinte nesta microrregião, está pautada na produção de farinha, frutas - com destaque para a banana, abacaxi e melancia - e alguns tubérculos (Tabela 2). O extrativismo e a pesca também compõem a cesta de produtos oriundos da agricultura e produção local comercializados nas cidades.

**Tabela 1: Índices de desenvolvimento social da Microrregião do Alto Solimões.**

Município	Ranking Nacional	IDH-M	IDH-M Renda	IDH-M Longevidade	IDH-M Educação
Atalaia do Norte	5563 °	0,450	0,481	0,733	0,259
Sto. Antonio do Içá	5541 °	0,490	0,438	0,759	0,353
São Paulo de Olivença	5453 °	0,521	0,471	0,780	0,386
Tonantins	5225 °	0,548	0,508	0,779	0,416
Benjamin Constant	4764 °	0,574	0,526	0,763	0,471
Tabatinga	3771 °	0,616	0,602	0,769	0,505
Amaturá	5049 °	0,560	0,499	0,773	0,455
Jutai	5477 °	0,516	0,528	0,766	0,340
Fonte Boa	5394 °	0,530	0,518	0,719	0,40

Fonte: IBGE



**Tabela 2:** Produção Agrícola do Alto Solimões

Quantidade total produzida pelos Municípios do Alto Solimões	
Variável - Quantidade produzida (Toneladas)	
Ano – 2018	
Microrregião Geográfica - Alto Solimões (AM)	
Produto das lavouras temporárias e permanentes	
Mandioca	25482
Banana (cachos)	8560
Melancia	3297
Abacaxi	1338
Açaí	925
Mamão	596
Cana-de-açúcar	370
Maracujá	277
Arroz (em casca)	167
Laranja	163
Limão	120
Batata-doce	106
Milho (em grão)	92
Feijão (em grão)	81
Cacau (em amêndoa)	70
Abacate	65
Coco-da-baía	64
Goiaba	63
Tomate	24
Tangerina	22
Fonte: IBGE - Produção Agrícola Municipal	

Cabe ainda destacar que os municípios localizados no Sudoeste apresentam um considerável contingente populacional correspondente a etnias indígenas, além de possuir



expressividade quanto ao mundo do trabalho rural/urbano e seus agentes sociais - representados por pescadores, agricultores, e agroextrativistas indígenas e não indígenas, habitantes na cidade e no entorno rural. Deste aspecto, destacamos o fato destes agentes desenvolverem suas atividades de forma polivalente e complementar. Assim, encontram-se compreendida por estas áreas administrativas, uma diversidade de territórios indígenas. Dentre eles, a maior Terra Indígena regularizada do país – a terra Indígena do Vale do Javari - que abriga diferentes etnias, incluindo-se algumas em isolamento voluntário.

## **METODOLOGIA**

Entende-se que a realidade é a complexidade de um processo do conhecimento. No qual, as articulações das sociedades humanas com as ciências reorganizam a própria estrutura do saber. Tomando-se o processo de concepção-construção da realidade como um ato cognitivo, não haveria possibilidade de uma “ciência pura”, livre de uma dimensão antropossocial (MORIN, 2016)

Em acordo com esta perspectiva teórica, a compreensão da organização e da produção capitalista do espaço geográfico é orientada pela a idéia de Morin (2016) do circuito tetralógico (ordem/desordem/interações/organizações). Neste sentido, o caminho da investigação é construído no próprio ato de pesquisar, corroborando o que dizia Machado (*apud* Morin, 2016): *Caminante no hay camino se hace camino al andar.*

Assim como o saber e o conhecimento, a realidade objetiva é vista, portanto, como um produto da ação dos homens (FREIRE, 2019). Neste caso, a idéia de ordenamento territorial deve ser vista na forma de *des-ordem* territorial. Pois trata-se de um movimento dialético que se reproduz de forma de aberta envolvendo múltiplas dimensões da sociedade. Desde a sua base física, até as representações contruídas no espaço - a partir dos símbolos de uma cultura -, passando pela dinâmica econômico-política. (SANTOS *et al*, 2007)

Para os fins desta pesquisa, o caminho percorrido para a produção de informações consistiram na revisão sistemática do material bibliográfico e documental nas principais fontes de dados secundários sobre o açaí e mapati. Neste sentido, foram consultadas as bases de dados disponibilizadas por agências como o IBGE, MDS, IDAM, SEPROR, SEPLANCTI, banco de dissertações e teses da CAPES

Além da pesquisa bibliográfica, realizou-se o levantamento de dados primários georreferenciados sobre a produção do açaí e do mapati nas cidades de Tabatinga,



Benjamin Constant e Atalaia do Norte, visando identificar os principais locais de produção, os circuitos espaciais de produção e comercialização e o fluxo de mercadorias.

As informações produzidas nas duas etapas da pesquisa foram sistematizadas em tabelas, gráficos e mapas temáticos de forma permitir a análise e compreensão das redes e os circuitos espaciais de produção da microrregião do Alto Solimões.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo desenvolvido parte da compreensão básica das frutas Açaí e Mapati enquanto mercadoria. Ou seja, partimos da compreensão proposta por Marx ([1894] 2010) acerca das relações entre valor-de-uso e valor de troca, sendo estes identificados pelo seu duplo aspecto: quantidade e qualidade.

Neste ponto, corrobora-se que na produção (extração) dessas frutas existe um involucro de práticas sociais, que geograficamente são entendidas como práticas espaciais. Uma delas, são identificadas por *redes*, no qual seu significado só é compreendido quando essa prática vem adjetivada. A mais conhecida, é a de rede urbana. Entretanto, essa como as outras partem do princípio de *conexidade* (VIDEIRA, 2017),

A circulação dessas mercadorias irrigam o espaço geográfico, possibilitando a identificação de *nós* e a compreensão da organização territorial. As dimensões das *redes urbanas* (organizacional, temporal e espacial) apontadas por Corrêa (1997), contribuem como ferramenta teórica para a seleção das manifestações de ações e interesses sociais.

A organização territorial do Alto Solimões é a exemplificação de tal processo. Tabatinga pode ser compreendida como uma cidade de *responsabilidade territorial* (RODRIGUES, 2011), pois, apresenta uma dinâmica particular na rede urbana. Sendo, através desta cidade, que um determinado trecho da rede urbana é mantido coeso e a vida da e na cidade é preservada. Com isso, se tem a idéia de que uma cidade possui responsabilidade (funcional, infra-estrutural, étnica, ética) sobre um determinado território ou região (geográfico e político) (RODRIGUES, 2011).

Esta referência se correlaciona com a existência de uma geoeconomia cujo centro gravitacional está nas cidades. Mas, o campo, o rural, é base produtiva em uma dinâmica do processo campo-cidade, regiões de produção em diferentes circuitos e escalas de economicidade e espacialidade. Conforme Belluzzo (2013, p.08):



Ao mesmo tempo, em seus desdobramentos, as negociações implícitas na transmutação das relações mais simples ou elementares constituem novas positivities que se movem numa admirável dialética das formas. As formas mais desenvolvidas subordinam e rearranjam a posição e o sentido das formas mais elementares.

Neste contexto, Santos (2004, p.89) explica que:

No processo de circulação, são as mercadorias que circulam por meio do dinheiro, esse último nunca deixando a esfera da circulação e sendo constantemente deslocado pelo movimento das mercadorias. Na função de meio de circulação, o dinheiro pode ser representado por símbolos, ou seja, não é necessária a presença da mercadoria-dinheiro na esfera de circulação, como meio de circulação

Estes temas se concretizam em uma estrutura de mercado onde oferta e procura se relacionam produzindo resultados diversos e específicos de cada mercado, visto que cada um é específico no tempo e no espaço, *sui generis*, em especialidade de seus produtos, técnicas/tecnologias, tributos/impostos, sujeitos (econômicos, políticos, sociais, ambientais entre outros), e localização e escala, conforme Troster (2004, p. 191): “As estruturas de mercado são modelos que captam aspectos inerentes de como os mercados estão organizados.”

No caso da comercialização das frutas Açaí e Mapati, e de modo amplo dos produtos da biodiversidade, tem que se levar em consideração o *camponês*. Este se caracteriza por ser um pequeno produtor familiar no campo, cujo trabalho consiste, segundo Santos (1978), na “personificação da forma de produção simples de mercadorias, (p. 69)”. Considerando-se, portanto, a parte da produção da agricultura familiar direcionada ao mercado, damos destaque à dinâmica Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria (M-D-M), definida por Oliveira (1990) como:

...a forma simples de circulação das mercadorias, onde a conversão das mercadorias em dinheiro se faz com a finalidade de se poderem obter os meios para adquirir outras mercadorias igualmente necessárias a satisfação de necessidades. É, pois, um movimento do vender para comprar (p.68)

Neste sentido, as dinâmicas aqui estudadas são contrárias às formas capitalistas de produção expressas pela fórmula D-M-D. De onde conclui-se que a produção camponesa tem lugar fora das relações de produção capitalistas, não implicando qualquer produção de mais-valia e não precisa gerar lucros. (BOTTOMORE, 2001)

A tipificação de economia camponesa é ainda acrescida pela observação de formas extensivas de ocupação autônoma (ou seja, trabalho familiar ou agricultura



familiar), pelo controle dos próprios meios de produção, economia familiar e qualificação ocupacional multidimensional (SHANIN, p.46 1980).

A incorporação destas características para fundamentação de análise traz à tona a reflexão sobre a *complexidade ambiental* a partir do ser, do tempo, da identidade, da autonomia, da diversidade da diferença e da outriedade (otherness). Elementos que confluem para engendrar um saber ambiental que, por sua vez, é um saber atravessado por estratégias de poder em torno da reapropriação (filosófica, epistemológica, econômica, tecnológica e cultural) da natureza (LEFF, 2015)

Sob esta perspectiva, os saberes são reconhecidos como simples e complexos, plurais e singulares, individuais e coletivos, técnicos e tecnológicos, populares e territoriais, locais e trans-multiescalares (SAQUET, 2019). Em termos práticos, trata-se de saberes afirmados e expressos nos costumes, nos hábitos alimentares, e que se inserem no debate sobre *segurança e soberania alimentar* relacionando-se a discursos de desenvolvimento sustentável e as materialidades das questões de pobreza, fome e desnutrição – tornando-se representativos da agricultura familiar e patronal (SANTOS, 2009).

Para tanto, a Segurança alimentar como a soberania alimentar são propostas que compartilham o propósito geral de garantir o direito a alimentação. Entretanto, a Segurança alimentar diz respeito ao papel do Estado como garantidor do direito a alimentação e aos critérios orientadores das ações. E a soberania alimentar como propostas de organizações camponesas, indígenas e pequenos agricultores aos desafios de condições econômicas e políticas neoliberais, com isso pretendendo criar uma nova economia rural, fundamentada no respeito dos que habitam e trabalham na terra (HOYOS, D'AGOSTINI, 2017).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

As informações obtidas neste estudo corroboram pesquisas já realizadas no Alto Solimões. Com destaque para dois grupos de pesquisas, que com publicações em periódicos e orientações de alunos de pós-graduação, evidenciam a realidade desta Microrregião, e desta forma, de Tabatinga. Com destaque para dois grupos:

- 1) O Núcleo de Estudos e Pesquisas das Cidades da Amazonia Brasileira (NEPECAB), com evidência nos seguintes trabalhos: Schor e Avelino (2017); Butel e Schor (2017); Schor (2017); Schor, Pinto e Butel (2016); Schor, Pinto e



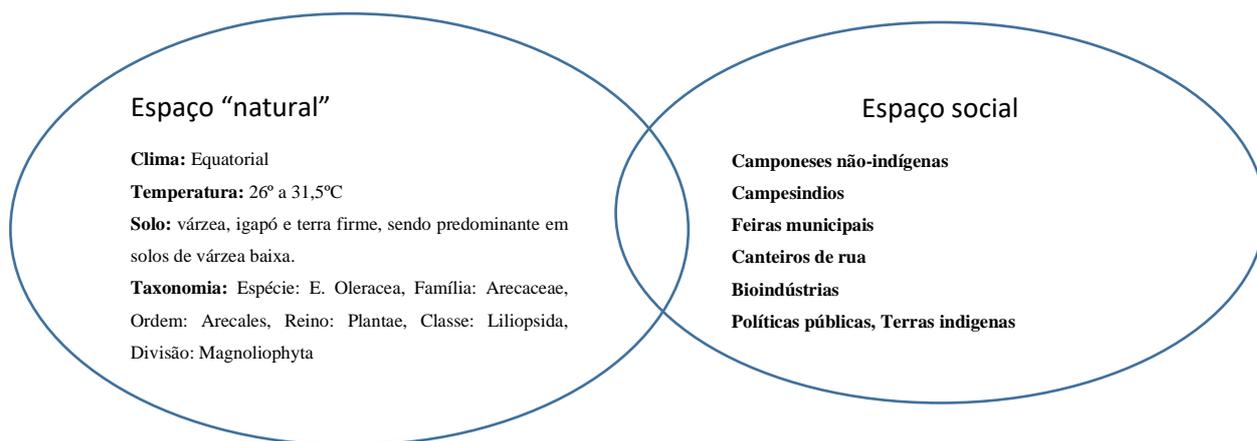
Avelino (2015); entre outros. Estes trabalhos apontam as questões ambientais e de Geografia Urbana, com destaque para aspectos de infra-estrutura, abastecimento, e comércio.

- 2) Os trabalhos do Núcleo de Estudos rurais e urbanos amazônicos (NERUA) com parceria com o Núcleo de Etnoecologia da Amazônia Brasileira (NETNO), com destaque para a coletânea de artigos organizados por Noda e Noda et al (2013), no qual apresentam as dinâmicas socioambientais na agricultura familiar do Alto Solimões.

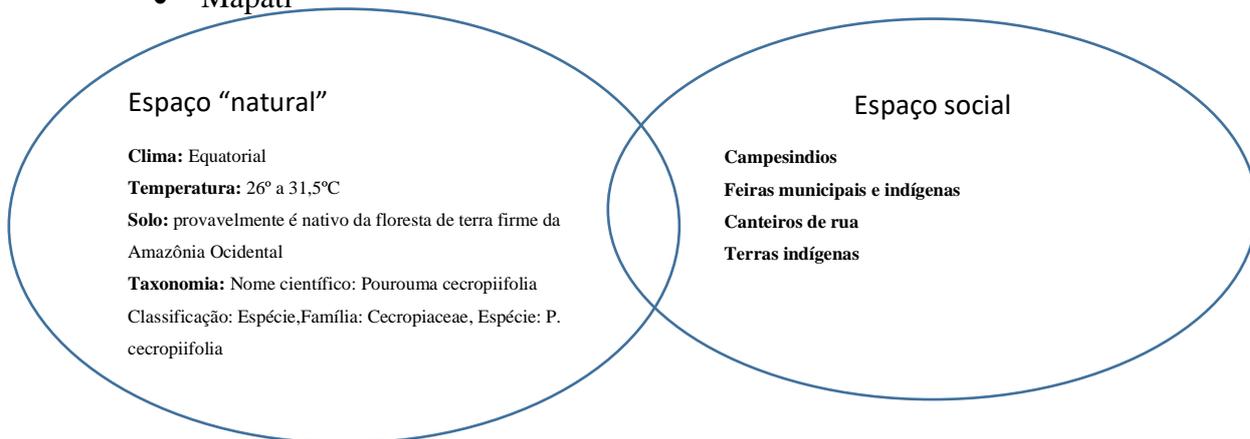
Com base nos contextos dos trabalhos citados, compreende-se que as dinâmicas territoriais remetem-se em buscas de processos de desenvolvimento. Adicionam-se a este fato, a unidade do espaço geográfico. Isto, porque, a relação sociedade-natureza é identificada como uma relação de complementariedade e não contraditória (FERREIRA, COSTA, 2015)

Desta forma, usando a ferramenta didática utilizada por Billacrês (2018), se demonstrará, inicialmente as características do espaço social e do espaço natural do Açaí e do Mapati no Alto Solimões, com destaque a cidade de Tabatinga.. Diante disto, se tem:

- Açaí



- Mapati





Os agentes que fazem parte da relação sociedade-natureza do Açaí e do Mapati, são passíveis de unidade e totalidade das diversas esferas: econômica, social, política e cultural, pois “...é preciso pôr todos os dados estruturais sempre em relação com uma produção determinada...” (SANTOS, 2008)

A dinâmica socioeconômica e a escala dos circuitos de extração, transporte e comercialização dos produtos extrativistas dependem dos produtos considerados, sua ecologia e distribuição geográfica, bem como, do espaço técnico científico informacional onde estão inseridos.

Neste contexto, a extração, o transporte e o comércio do açaí e mapati são partes importantes das dinâmicas econômicas das cidades, contribuindo no acesso à alimentação e proporcionando um mínimo de renda para a população local.

Diante disto, é preciso esclarecer que os principais fornecedores destas frutas para a comercialização, são os indígenas, considerados nos modelos de espaço social acima, como *campesindios* (VERGES, 2011). Visto que, estes protagonistas mesclam perspectivas multiescalares e multidimensionais, onde questões de classe e etnia são misturadas.

Em Tabatinga, isto torna-se evidente, pelo quantitativo populacional. Dos 52.272 habitantes de Tabatinga (IBGE, 2010), 14.855 habitantes são autodeclarados indígenas (IBGE, 2010), das mais diversas etnias, mas os Tikuna constituem a maioria e estão presentes em várias aldeias no interior do município. Duas das quais, – Umariáçu I e Umariáçu II – situadas na expansão urbana da sede, compõem a Terra Indígena Tukuna Umariáçu. Sendo identificados como os principais fornecedores de Açaí e de Mapati.

Posto que a origem da produção seja em terras indígenas, as redes comerciais das frutas são distintas, principalmente, pela procura do consumidor. O Mapati, que sob a perspectiva ecológica, encontra um grande conjunto de modificações morfológicas que demonstram evidências fortes de que populações de *Pourouma cecropiifolia* foram domesticadas na Amazônia Ocidental (PEDROSA, 2017), é colocado como fruta de complemento de cestas de compras. Pois, o consumidor, em maior parte, não vai às feiras municipais em busca do Mapati, mas ao encontrá-lo em oferta o adquire, devidamente, pelo baixo preço de venda, R\$ 5,00 o cacho do fruto.

O mercado do Mapati apresenta como peculiaridade o papel da mulher, desde a sua extração até a comercialização. Isto ocorre, porque, a mulher, sendo apontada como o agente social responsável pela venda das frutas nos pontos comerciais da cidade, ela



mesma que extrai a fruta e a coloca para a venda. Este ato representa um complemento de renda familiar, em termos monetários, e, por uma análise política, é um critério e princípios das ações de segurança e soberania alimentar (HOYOS, D'AGOSTINI, 2017)

A despeito da fruta poder ser utilizada na fabricação de sucos, geleias e vinhos, o consumo, em Tabatinga, ocorre no formato *in natura* (FIGURA 2), sendo uma fruta rica em Potássio, Cálcio e Fósforo (LOPES et al, 1999).

**Figura 2:** Cachos de Mapati



Fonte: Acervo

Diferentemente, do Mapati, no qual a rede comercial é local e o consumo é limitado ao formato *in natura*, o Açaí, por sua vez, possui uma rede mais ampla de comércio. Tendo destaque a concorrência com o açaí peruano consumido em Tabatinga na entressafra do Açaí produzido pelos Tikuna.

Segundo os dados do IBGE, Tabatinga, dentre os municípios do Alto Solimões, é o que possui maior quantidade de açaí produzido na extração vegetal, seguido de Atalaia do Norte e Benjamin Constant. Porém, o açaí participa de um circuito local de comercialização, sendo o fruto processado por pequenos comerciantes locais não indígenas em equipamentos próprios. Deste processamento, obtem-se, em média, de 70 a 130 litros de vinho de açaí, dependendo da época considerada, sendo vendido por um valor de 5 a 10 reais a unidade de 1 litro.

O transporte do local de extração, do açaí e do mapati, até os pontos de venda (FIGURA 3) é feita a pé ou por motocarro. No caso específico do Açaí, o transporte também pode ser feito em canoa

Quando chegam pelo porto, os sacos com o fruto de açaí são carregados a pé até os pontos de processamento e venda, recebendo 10 reais pelo transporte; quando feito por motocarro, a remuneração pelo transporte pode variar de 5 a 100 reais quando transportados das comunidades mais distantes.



Em Tabatinga encontramos um Mercado Municipal, a Feira de Tabatinga (oficial), a Feira do Peixe, a “Beira” (do rio) e as adjacências do Porto, além do Mercado Ticuna inaugurado em 2013, como parte dos pontos de abastecimento (SCHOR, PINTO, RIBEIRO, 2016), junto aos canteiros da cidade.

**Figura 3:** Demonstração da Área urbana e pontos de comercialização



Org: autores

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados aqui apresentados são de cunho parcial, visto que os projetos encontram-se em andamento. Contudo, percebe-se que a cidade de Tabatinga, no quesito das frutas Açáí e Mapati são abastecidas, maiormente, pelos indígenas. Que numa questão de categorias teóricas são clasificados como *camponenses* ou *campesindios*, e por uma questão política e burocrática de *pequenos produtores* ou *agricultores familiares*.

Com o início de suas redes comerciais semelhantes, estas frutas possuem destinos diferenciados, devido a aspectos de oferta-demanda. O Mapati possui um mercado sazonal, que coincide entre os meses de Novembro-Janeiro, é consumido de forma *in natura* e localmente, não possui concorrência comercial e é uma fruta de complemento de cesta de feira.

De modo distinto, o Açáí no periodo sazonal é uma fruta vendida como mercadoria principal, para consumo doméstico é vendido na forma do vinho. No periodo da entressafra do Açáí produzido pelos existe o abastecimento do Açáí peruano.

Pelo levantamento teórico e empírico realizado, os produtos oriundos da biodiversidade apresentam uma complexidade motivada pelos interesses: 1) econômicos, 2) ecológicos e 3) eticos-patrimoniais, que não são observados de forma conjunta no aspecto comercial. Separados para análises e reintragrados para reflexão, se tem como



apreciação, o seguinte: 1) valores de uso e valores de troca destes produtos apresentam características de preço, conforme, a peculiaridade local; 2) continuando com o aspecto da peculiaridade local e por ser os indígenas os responsáveis pelo abastecimento, existe uma integração do homem-meio, havendo um equilíbrio ecológico, visto que existem orientações de produção; e 3) com isso o uso de conhecimentos tradicionais.

## **AGRADECIMENTOS**

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo financiamento dos seguintes projetos: a) 'Sabores sustentáveis' na tríplice fronteira: redes, soberania e segurança alimentar do açaí e do mapati. EDITAL N. 006/2019 - UNIVERSAL AMAZONAS, b) Cadeias produtivas sustentadas e sustentáveis: um diagnóstico da cesta frutífera da agricultura familiar do Alto Solimões. EDITAL N. 003/2020 – PAINTER.

## **REFERÊNCIAS**

BELLUZZO, L. G. **O Capital e suas Metamorfoses**. São Paulo. Ed. Unesp. 2013.

BILLACRÊS, Máximo Alfonso Rodrigues et al. **Mercado da biodiversidade e a cadeia produtiva de Camu-Camu (Myrciaria dubia (HBK) no estado do Amazonas**. UFAM 2018.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2001.

BUTEL, A. ; SCHOR, Tatiana . Turismo, megaeventos esportivos e a Copa do Mundo de 2014: um olhar na/da tríplice fronteira amazônica Brasil-Peru-Colômbia. **MUNDO AMAZONICO**, v. 8, p. 644-72, 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. Dimensões de análise das redes geográficas. **Trajetórias geográficas**, v. 2, p. 108-18, 1997.

DAL SOGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina. **Agricultura e sustentabilidade**. PLAGEDER, 2009.

FERREIRA, Bárbara Evelyn da Silva; COSTA, Reinaldo Correa Costa. Mercado e Biodiversidade em Manaus-Am. In: COSTA, Reinaldo Correa; FERREIRA, Barbara Evelyn da Silva; NUNEZ, Cecília Verônica (Org). **Mercado e Biodiversidade**. Manaus: Editora INPA, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Paz e Terra, 2019

HOYOS, Claudia Janet Cataño; D'AGOSTINI, Adriana. **SEGURANÇA ALIMENTAR E SOBERANIA ALIMENTAR: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS/ Food**



Security and Food Sovereignty: convergences and divergences. **Revista Nera**, n. 35, p. 174-198, 2017.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. 11ª Edição. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2015.

LÉVÊQUE, Christian. **A Biodiversidade**. São Paulo : EDUSC, 1999

LOPES, D.; ANTONIASSI, R. ; SOUZA, M. L. M. ; CASTRO, I. M. ; REIS, N. S. ; CARAUTA, J. P. P. ; KAPLAN, M. A. C. . Análise química dos frutos do mapati (*Pourouma cecropiifolia* Martius- Moraceae). **Brazilian Journal of Food Technology, Brasil**, v. 2, n.1;2, p. 45-50, 1999.

MARX, Karl. **O capital: Crítica da Economia Política: Livro 1**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010

MORIN, Edgar. **O método 1: a natureza da natureza (I. Heineberg, Trad.)**. Porto Alegre, RS: Sulina, 2016.

NODA, H. (Org.) ; NODA, S. N. (Org.) ; LAQUES, A. E. (Org.) ; LENA, Philippe (Org.) . **Dinâmicas Socioambientais**. 01. ed. Manaus, AM: WEGA, 2013

Oliveira, Floriano José Godinho de, et al. "Espaço e economia: geografia econômica e a economia política." *Espaço e Economia*. **Revista brasileira de geografia econômica** 15 (2019).

PEDROSA, Hermísia Coêlho. **Aspectos ecológicos e genéticos da domesticação de populações de Pourouma cecropiifolia Mart. da Amazônia Ocidental**. INPA --- Manaus: [s.n.], 2017

RODRIGUES, Eubia Andréa et al. **Rede urbana do Amazonas: Tefé como cidade média de responsabilidade territorial na calha do Médio Solimões**. UFAM. 2011.

SANTOS, Francis. *Perspectiva para a soberania alimentar brasileira*. DAL SOGLIO, Fábio; KUBO, Rumi Regina (coords.). **Agricultura e Sustentabilidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Colonos do Vinho**. São Paulo: Hucitec, 1978;

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. Edusp, 2008

SANTOS, Milton. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.

SANTOS, Raul C. dos. De Smith a Marx: A economia política e a marxista. In: PINHO, Diva B.; VASCONCELOS, Marco A. S. de. **Manual de Economia**. São Paulo. Saraiva. 2004.

Saquet, M. **Saber popular, práxis territorial e contrahegemonia**. Editora Consequência, 2019



SAQUET, Marcos Aurelio. **Consciência de classe e de lugar, práxis e desenvolvimento territorial**. Consequência, 2017.

SCHOR, Tatiana . O ACESSO À ÁGUA PARA CONSUMO EM VILAS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES AMAZONAS ? BRASIL. **REVISTA POLÍTICAS PÚBLICAS & CIDADES**, v. 5, p. x, 2017

SCHOR, TATIANA; AVELINO, FRANCISCO CARLOS DA COSTA . Geography of Food and the Urban Network in the Tri-Border Brazil-Peru-Colombia: The Case of Production and Commercialization of Poultry in the Amazon. **Cuadernos de Geografia**, v. 26, p. 141-154, 2017

SCHOR, Tatiana; PINTO, M. ; BUTEL, A. . MERCADOS E FEIRAS NA TRÍPLICE FRONTEIRA: UMA ANÁLISE DOS ESPAÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS IN NATURA NA CIDADE DE TABATINGA, AMAZONAS - BRASIL.. **Caminhos de Geografia (UFU)**, v. 17, p. 1-17, 2016

SCHOR, Tatiana; TAVARES-PINTO, M. A. ; AVELINO, F. C. C. ; Ribeiro, M. N. . Do peixe com farinha à macarronada com frango: uma análise das transformações na rede urbana no Alto Solimões pela perspectiva dos padrões alimentares.. **Confins (Paris)**, v. 24, p. 10254, 2015.

SHANIN, Theodor. A definição de camponês: conceituações e desconceituações. O velho e o novo em uma discussão marxista. **Revista Estudos CEBRAP 26**. Petropolis: Ed. Vozes, 1980.

SILVA, Paulo Almeida da. **Aspectos históricos e ambientais do Porto das Catraias e arredores e suas relações com Tabatinga (AM)**. Mestrado. Universidade de São Paulo, 2011.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

TROSTER, Roberto L. Estruturas de Mercado. In: PINHO, Diva B.; VASCONCELOS, Marco A. S. de. **Manual de Economia**. São Paulo. Saraiva. 2004.

VERGÉS BARTRA, Armando. **Os novos camponeses: leituras a partir do México profundo**.. São Paulo: Cultura Acadêmica; Cátedra Unesco de Educação do Campo e Desenvolvimento Rural, Coleção Vozes do Campo, 2011

VIDEIRA, S. L.. Redes Geográficas. In: Eliseu Saverio Sposito (Org.). (Org.). **Glossário de Geografia Humana e Econômica**. 1ed.São Paulo: UNESP, 2017